

BRASIL-HAITI

OLHARES CRUZADOS

REGARDS CROISÉS



FRECHALPORT AU PRINCE



Créditos / Crédits

Coordenação Editorial / Coordination Editoriale

Dirce Carrion

Fotografias / Photographies

Maxence Denis – Frechai, Maranhão, Brasil

Marie Ange Bordas – Port Au Prince, Haiti

Crianças do Frechal no Brasil e Port Au Prince

no Haiti / Enfants de Frechai au Brésil et de

Port-au-Prince en Haïti

Patrocínio / Patronage

Ministério das Relações Exteriores / Ministère des

Relations Extérieures

Secretaria Especial de Políticas de Promoção

da Igualdade Racial / Secretariai Spécial de

Politiques de Promotion de l'Égalité Raciale

Colaboradores / Collaborateurs

Ministério da Cultura e da Comunicação do Haiti /

Ministère de la Culture et de la Communication d'Haïti

Ministério da Educação Nacional do Haiti /

Ministère de l'Éducation Nationale d'Haïti

Ministério das Relações Exteriores do Haiti /

Ministère des Affaires Etrangères et des Cultes d'Haïti

Museu do Panteão Nacional do Haiti /

Musée du Panthéon National Haïtien - MUPANAH

Produção / Production

Imagem da Vida

Editora Reflexo

Edição de Fotografias / Edition de Photographies

Dirce Carrion

Design e Direção de Arte / Conception graphique et

Direction d'Art

Shadow Design – Mauricio Nisi Gonçalves

Versão para o Francês / Traduction en Français

Caroline Fretin de Freitas

Tradução para o Português / Traduction en Portugais

Graziela Betting

Revisão dos Textos / Révision des textes

Liana Amaral

Produção Gráfica / Production Graphique

Shadow Design

Impressão e Acabamento / Impression et Finition

Pancrom Indústria Gráfica

Março de 2006 / Mars 2006

BRASIL-HAITI

OLHARES CRUZADOS

REGARDS CROISÉS

FRECHALPORT AU PRINCE

O Haiti é logo ali do outro lado da estrada Crianças do Frechal

L'Haiti c'est juste là, de l'autre côté de la route Enfants de Frechal



Brasil-Haiti – Olhares Cruzados

O projeto Brasil-Haiti – Olhares Cruzados vem promover o conhecimento recíproco e a solidariedade entre brasileiros e haitianos por meio do intercâmbio de imagens produzidas por crianças brasileiras e haitianas. Com base em experiências similares em Angola e Moçambique, este trabalho apresenta de maneira original a realidade social de crianças haitianas e brasileiras residentes em comunidades carentes.

Além de trabalhar o lado lúdico da ação de fotografar e pintar, o projeto evidencia como a cultura, as brincadeiras e a maneira de interagir com a família e a sociedade são parecidas no Brasil e no Haiti. Mais do que um projeto, Brasil-Haiti – Olhares Cruzados é uma ponte entre universos ao mesmo tempo tão distantes e tão próximos.

Desde 2004, quando o Brasil passou a integrar com expressivo efetivo a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), criou-se um forte movimento de aproximação entre os dois países. O 18 de agosto, data do amistoso entre as seleções do Brasil e do Haiti, passou a ser celebrado como o Dia da Paz. Para comemorar a data, em 2005, foi inaugurado um mural na Praça Saint Pierre, produzido no próprio local por pintores haitianos e brasileiros. Enquanto o mural era pintado pelos artistas, centenas de crianças de escolas públicas e orfanatos de Porto Príncipe participaram do projeto produzindo seus próprios desenhos.

Religião e cultura dos dois países, com suas raízes comuns no continente africano, também irmanam Haiti e Brasil. A participação brasileira na reestruturação da democracia no Haiti deixa claro nosso compromisso com a recuperação do país. Mais do que trazer segurança e ordem, o Brasil quer contribuir para a revitalização das instituições e para a promoção do desenvolvimento econômico, social e cultural do Haiti. A MINUSTAH parte do princípio de que a paz não é um bem gratuito. Deve-se trabalhar pela paz com afinco. E o preço da paz é a participação.

Brésil-Haïti – Regards Croisés

Lê projet “Brésil-Haïti – Regarás Croisés” a l’intention de promouvoir la connaissance reciproque et ia solidarité entre brésiliens et haïtiens au moyen de l’échange d’images réalisées par dès enfanís brésiliens et haïtiens. Base sur dès expériences sembiabiles en Angola et au Mozambique, cê travail presente de manière originale ia réalité sociale d’enfants haïtiens et brésilienshabitants dès communautés défavorisées.

Tout en travaillant ie cote ludique de l’action de photographier et de peindre, lê projet met en évidence le fait que la culture, lês jeux et la façon d’interagir avec la famille et la sociéié se ressemblent au Brésil et en Haïti. Plus qu’un projet, “Brésil-Haïti – Regards Croisés” s’agit d’un pont entre dès univers à la fois si distants et si proches.

Depuis 2004, quand ie Brésil s’est mis à intégrer avec un effectifconsidérable la Mission dès Nations Unies pour la siabilisation en Haïti (MINUSTAH), un puissant mouvement d’approximation entre lês deux pays s’est créé. Lê 18 Août. date du match amical entre lês equipes du Brésil et d’Haïti, est maintenant celebre comme ie Jour de la Paix. Pour fêter ia date, en 2005, une murale réalisée sur place par dès peintres haïtiens et brésiliens a été inaugurée sur la piace Saint Pierre. Pendant que l’oeuvre était exécutée par lês artistes, dès centaines d’enfanís d’écoles publiques et orphelinats de Port-au-Prince ont participe au projet en faisant leurs propres dessins.

La religion et la culture dès deux pays, ayant leurs racines communes dans lê continent africain, aussi, lient Haïti et Brésil. La participation brésiilenne dans la restructuration de la démocratie en Haïti témoigne de notre engagement avec ia récupération du pays. Plus que d’apporter sécurite et ordre. Lê Brésil entend contribuer à la revitalisation dès institutions et à la promotion du developpement économique, social et culturel d’Haïti. La MINUSTAH part du principe que la paix n’est pás un bien gratuit. Il faut travailler pour ia paix avec ténacité. Et lê prix de la paix est la participation.

O trabalho da brasileira Dirce Carrion e sua equipe visa dar a conhecer aos haitianos algo mais sobre um país que eles tanto admiram, mas com o qual não têm tido, ainda, a oportunidade de estabelecer contatos estreitos. A iniciativa se insere na dimensão humanista que a política do Governo do Presidente Lula vem imprimindo à diplomacia brasileira.

Embaixador Celso Amorim,
Ministro de Estado das Relações Exteriores

Lê travail de la brésilienne Dirce Carrion et de son equipe vise à faire lês haïtiens découvrir un peu plus sur un pays qu’ils admirent tant, mais avec lequel ils n’ont pás, encore, eu l’occasion d’établir dès liens étroits. Linitiative s’inscrit dans la dimension humaniste que la politique du gouvernement du Président Luis Inácio Lula da Silva confere dernièrement à la diplomatie brésilienne.

Ambassadeur Celso Amorim,
Ministre d’État dès Relations Extérieures



O olhar sensível sobre a identidade haitiana

Nas últimas décadas têm-se ampliado os olhos e sentidos voltados para as condições de vida que os povos de diversas localidades do mundo desfrutam. Esses olhares, provocados por movimentos sociais, debatidos nas conferências mundiais e por governos locais comprometidos com a mudança, apreendem, principalmente, o exercício da democracia como fonte de justiça, cidadania e igualdade, para além de fronteiras políticas, econômicas, sociais e culturais.

Os mesmos olhares globais que aproximam ideias e formas de vida também estão atentos às desumanidades históricas que separaram etnias, destronaram reis e rainhas e massacraram comunidades, transformando-os em mercadorias e trabalhadores escravizados.

A África – mãe, origem e escola para estes povos espalhados pelo mundo sob sua ascendência e descendência – hoje reconstrói sua história, por meio de seus filhos: países compostos, em sua grande maioria, por pessoas descendentes de africanos trazidos na escravidão, que lutam pela liberdade de expressar sua identidade e pelo seu desenvolvimento político, econômico e comercial.

Brasil e África uniram-se de maneira trágica pela escravidão e por todo o aparato comercial instalado na costa do Atlântico, tanto lá como cá, para o tráfico de escravos. A abolição tardou a acontecer, mas com ela nossos antepassados conquistaram a liberdade. Iniciou-se aí outro ciclo que não correspondeu exatamente à conquista da cidadania plena, a qual ainda continua sendo nosso intuito.

Hoje, nos reaproximamos da África por meio de convênios, acordos bilaterais e multilaterais, partilhando as possibilidades de crescimento econômico, político e social. Da mesma forma, é hora de demonstrar solidariedade ao povo haitiano. Há muito somos convidados para refletir sobre nossa irmandade com este povo que conquistou a liberdade política, quando muitos brasileiros – e afro-descendentes de outras partes do mundo – nem sequer acreditavam que seriam um dia tratados da mesma

Regard sensible sur l'identité haïtienne

Pendant les dernières décennies les yeux et les sens dirigés vers les conditions dans lesquelles vivent les peuples de diverses parties du monde se sont intensifiés. Ces regards, provoqués par des mouvements sociaux, débattus dans les conférences mondiales et par des gouvernements locaux engagés avec la transformation, perçoivent, principalement, l'exercice de la démocratie comme source de justice, de citoyenneté et d'égalité, au-delà de frontières politiques, économiques, sociales et culturelles.

Les mêmes regards globaux qui rapprochent idées et formes de vie sont aussi attentifs aux inhumanités historiques qui séparent les ethnies, détrônent rois et reines, massacrent les communautés, les transformant en marchandises et travailleurs esclaves.

L'Afrique – mère, origine et école pour ces peuples dispersés dans le monde sous son ascendance et descendance – reconstruit aujourd'hui son histoire par le biais de ses fils: pays composés dans leur majorité de descendants d'africains amenés en esclavage qui luttent pour la liberté d'exprimer leur identité et pour leur développement politique, économique et commercial.

Brésil et Afrique se sont unis de façon tragique du fait de l'esclavage et tout le système commercial installé sur la côte Atlantique, là-bas comme ici, pour la traite des esclaves. L'abolition a tardé, mais avec elle, nos ancêtres ont acquis leur liberté. Ensuite s'est amorcé un autre cycle qui n'a pas exactement correspondu à la conquête de la pleine citoyenneté, qui est toujours notre propos.

Aujourd'hui nous nous rapprochons de l'Afrique au travers de pactes, d'accord bilatéraux et multilatéraux, en partageant les possibilités de croissance économique, politique et sociale. Ainsi, c'est le moment de démontrer notre solidarité au peuple haïtien. Depuis longtemps nous sommes invités à réfléchir sur notre fraternité avec ce peuple qui a acquis la liberté politique, alors que beaucoup de brésiliens - et afro-descendants d'autres parts du monde – ne croyaient jamais pouvoir être traités

de la même manière que les autres citoyens et citoyennes. En Haïti, l'indépendance est arrivée 18 ans avant que celle du Brésil ne soit conquise, faisant de ce pays la première république noire du monde, en 1804, et le transformant en un phare pour toutes les cultures libératoires.

de la même manière que les autres citoyens et citoyennes. En Haïti, l'indépendance est arrivée 18 ans avant que celle du Brésil ne soit conquise, faisant de ce pays la première république noire du monde, en 1804, et le transformant en un phare pour toutes les cultures libératoires.

Por esse motivo, o país encontrou dificuldades para se estruturar, permanecendo isolado e sem efetivo respaldo externo. Hoje, a comunidade internacional preocupa-se de maneira mais enfática por que as condições de vida são inadmissíveis, com profundas desigualdades econômicas e sociais e toda a sorte de mazelas.

Urge contribuir para o resgate da ousadia ancestral desse povo, que iluminou durante séculos a resistência similar que ocorreu no Brasil e em outros cantos do mundo.

O governo brasileiro tem tratado a agenda da Promoção da Igualdade Racial de maneira continuada, o que fica explícito na incorporação do Brasil ao projeto Olhares Cruzados, que traz incontáveis possibilidades. Entre elas esse livro, que busca similaridades de nossos olhares sobre o mundo e explora a proximidade da identidade haitiana com a nossa.

O Brasil e o Haiti, embora nações diferentes, sofrem das mesmas sequelas deixadas pela escravidão: a riqueza concentrada, a violência racial, a resistência, as favelas. Infelizmente, a escravidão e o colonialismo foram marcas comuns na nossa história.

A verdade é que nós, brasileiros, africanos e haitianos sabemos pouco – ou quase nada – uns dos outros, mas mantemos forte identidade. Pouco nos conhecemos no que diz respeito às nossas produções, nossas organizações políticas, nossas linguagens. Temos, sim, um laço ancestral e cultural que une o Brasil a países que possuem grande contingente populacional negro, pois muito de suas identidades se assemelham.

Ministra Matilde Ribeiro, Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

de la même manière que les autres citoyens et citoyennes. En Haïti, l'indépendance est arrivée 18 ans avant que celle du Brésil ne soit conquise, faisant de ce pays la première république noire du monde, en 1804, et le transformant en un phare pour toutes les cultures libératoires.

Pour cette raison, le pays rencontra des difficultés pour se structurer, restant isolé et sans appui externe effectif. Aujourd'hui, la communauté internationale se préoccupe de façon plus intense car les conditions de vie sont inadmissibles, ayant de profondes inégalités économiques et sociales ainsi que toutes sortes de misères.

Il est urgent de contribuer au rétablissement de la hardiesse ancestrale de ce peuple, qui pendant des siècles a illuminé la résistance similaire au Brésil et en d'autres coins du monde.

Le gouvernement brésilien s'occupe de l'agenda de la Promotion de l'Égalité Raciale d'une manière continue, ce qui est explicite par la participation du Brésil au projet Regards Croisés, qui apporte d'innombrables possibilités, comme par exemple ce livre qui cherche à exposer une similitude de nos regards sur le monde et explore la proximité entre l'identité haïtienne et la nôtre.

Le Brésil et l'Haïti, nations pourtant différentes, souffrent des mêmes séquelles de l'esclavage: richesse concentrée, violence raciale, résistance, bidonvilles. Malheureusement, l'esclavage et le colonialisme ont été des marques communes de notre histoire.

En vérité, nous, brésiliens, africains et haïtiens, ne savons que peu – ou presque rien – les uns des autres, mais nous maintenons une forte identité. Nous nous connaissons à peine en ce qui concerne nos productions, nos organisations politiques, nos langages. Nous avons, il est vrai, un lien ancestral et culturel qui uni le Brésil aux pays possédant un grand contingent de population noire, car grande partie de leurs identités se ressemblent.

Ministre Matilde Ribeiro, Secrétaire Spéciale de Politiques de Promotion de l'Égalité Raciale

A água da chuva que empoça sobre a pedra
Evapora ao sol
A fonte que nasce dentro da terra e aflora da rocha
Jamais se esgota
Ayekobinon Yakpetchou – Bokonom de Abomé

Caminhos Cruzados

Benim, Brasil, Haiti são vértices de um mesmo triângulo que talvez apenas o olhar viajante de Pierre Fatumbi Verger tenha conseguido dar o merecido destaque. Verger foi um estudioso das religiões de matrizes africanas, tendo também viajado para o Haiti onde registrou o universo do vodou. Veio pela primeira vez ao Brasil em 1946, motivado pela curiosidade despertada pelo livro Jubiabá, de Jorge Amado. No Benim, berço do vodou, confirmou a estreita relação deste culto com o candombé e teve despertado seu interesse pela saga dos agudas, descendentes de escravos brasileiros que retornaram à África após a abolição da escravatura. Em sua permanência no Brasil, durante uma visita à Casa das Minas do Maranhão, Verger identifica o uso da linguagem secreta do vodou da família real de Abomé, o que o levou a crer que o culto lá praticado tenha sido introduzido pela mãe de Guézo, Rei de Daomé, que foi vendida como escrava no início do século XIX. Talvez este seja um dos muitos elos da corrente intencionalmente rompida pelos mercadores de escravos que exploravam o tráfico entre a África e as colônias na América na intenção de apagar ou erradicar a cultura africana.

Revisitando as fotos de Verger, muitas vezes refiz a travessia entre o Brasil e a África e cada vez mais se evidenciavam suas semelhanças, impondo-se a necessidade de contribuir para o fortalecimento da nossa identidade africana. Mas o que era primeiramente uma meta profissional resultou num projeto de vida: os Olhares Cruzados. Desenvolvido inicialmente com crianças brasileiras e africanas em 2004, em 2005 o projeto se estendeu ao Haiti, país onde tive a certeza de que somos todos galhos de uma mesma árvore.

Cruzamos os olhares das crianças haitianas com as do quilombo Frechai, no Maranhão, e mais uma vez as

L'eau de pluie qui fait des flaques sur la pierre
S'évapore au soleil
La source qui naît dans terre et affleure la roche
Ne tarif jamais
Ayekobinon Yakpetchou – Bokonom d'Abomey

Chemins Croisés

Bénin, Brésil, Haïti sont les sommets d'un même triangle que, peut être, seul le regard voyageur de Pierre Fatumbi Verger a réussi à exposer la notoriété méritée. Verger a étudié les religions de la matrice africaine, voyageant aussi en Haïti où il a enregistré l'univers vodou. Il vint pour la première fois au Brésil en 1946 poussé par la curiosité éveillée par le livre Jubiabá, de Jorge Amado. Au Bénin, berceau du vodou, il confirme l'étroite relation de ce culte avec le candomblé et il s'intéressa par la saga des "agudas", descendants d'esclaves brésiliens rentrés en Afrique après l'abolition de l'esclavage au Brésil. Pendant son séjour au Brésil, à l'occasion d'une visite à la Casa das Minas do Maranhão (Maison des Mines du Maranhão), Verger identifie le langage secret du vodou de la famille royale d'Abomey, ce qui mène à croire que le culte pratiqué là-bas ait été introduit par la mère de Guézo, roi de Dahomey, vendue comme esclave au début du XIX^{ème} siècle. Ceci pourrait être l'un des nombreux maillons de la chaîne internationalement rompue par les marchands d'esclaves qui exploraient la traite entre l'Afrique et les colonies d'Amérique dans l'intention d'effacer ou d'anéantir la culture africaine.

En revoyant les photos de Verger, plusieurs fois j'ai refait la traversée entre le Brésil et l'Afrique, et, chaque fois plus, leur ressemblance se soulignait et la nécessité de contribuer à la consolidation de notre identité africaine s'imposait. Cependant, ce qui au début était un objectif professionnel s'est transformé en un projet de vie: Regards Croisés; d'abord développé avec des enfants brésiliens et africains en 2004-2005, il s'est étendu en Haïti, pays où j'ai pu avoir la certitude que l'on était tous des branches d'un même arbre.

Nous avons croisé les regards des enfants haïtiens avec ceux du quilombo Frechal au Maranhão et à nouveau les

raízes comuns foram evidenciadas quando formulei uma pergunta para as crianças: "Quem sabe onde é o Haiti"? Ao que elas responderam: "É logo ali do outro lado da estrada". De fato, na época em que a liberdade era apenas um sonho, existiu nas terras do quilombo Frechai um lugar denominado Haiti, que tinha o significado de "terra nossa", local que foi refúgio para os negros que conseguiam escapar do pesadelo da escravidão. As crianças maranhenses tinham razão: "O Haiti é aqui".

Esta não foi a última coincidência, pois algum tempo depois, em Brasília, durante um encontro para acertar os detalhes do projeto Brasil-Haiti – Olhares Cruzados, a reunião foi interrompida por um telefonema com a notícia da viagem do Presidente Lula ao Benim e a necessidade de realizar um evento cultural para a visita presidencial, sugeri, então, a realização da exposição Agudas – Os Brasileiros do Benim, de autoria do antropólogo brasileiro Milton Guran, com quem viajei pela primeira vez ao antigo reino de Abomey.

O jogo do Ifá mais uma vez refez a travessia.

Dirce Carrion, Presidente da OSCIP Imagem da Vida e Coordenadora do Projeto Olhares Cruzados

racines communes se sont manifestées quand j'ai posé aux enfants la question suivante: "Qui sait où se trouve l'Haïti?" Ce à quoi ils ont répondu: "C'est juste là, de l'autre côté de la route." En effet, à l'époque où la liberté n'était qu'un rêve, il a existé dans les terres du quilombo Frechal un endroit appelé Haïti, qui signifiait "terre à nous", refuge des nègres qui réussissaient à s'échapper du cauchemar de l'esclavage. Les enfants du Maranhão avaient raison: "L'Haïti, c'est ici".

Ce ne fut pas la seule coïncidence car, quelque temps après, à Brasília, à l'occasion d'une réunion de pour la mise au point des les détails du projet Brésil-Haïti – Regards Croisés – la séance a été interrompue par un appel téléphonique au sujet de la nouvelle du voyage du président Luia au Bénin et de la nécessité d'organiser un événement culturel pour la visite présidentielle, j'ai suggéré, alors, la réalisation de l'exposition Agudas – Les brésiliens du Bénin, dont l'auteur est l'anthropologue brésilien Milton Guran, avec qui j'ai été pour la première fois à l'ancien royaume d'Abomey.

Le jeu de l'Ifa refait la traversée encore une fois.

Dirce Carrion, Présidente de l'OSCIP Image de la Vie e Coordinatrice du Projet Regards Croisés









Brasil

Haiti





Os primeiros africanos a pisar no continente americano eram livres. Participavam de um intenso trânsito comercial que havia se estabelecido desde os primórdios da navegação entre a África, o Brasil, e o Caribe, então chamado de Índias Ocidentais, tão rico e importante como as afamadas Índias Orientais. Seguindo a tradição que remonta ao antigo Império do Mali, Abubakari II teria organizado, em 1311, a primeira viagem transatlântica entre a África e o continente americano, quase dois séculos antes dos europeus. É certo que as rotas às duas Índias já estavam bastante estabelecidas bem antes das viagens de Colombo, Vesúcio e Da Gama, contando com a experiência de navegadores árabes, berberes, mandinka e outros africanos, alguns dos quais guiaram os navios europeus. Foram também mercadores africanos, árabes e judeus que fizeram a riqueza da Nova Amsterdã dos Holandeses, a atual Recife brasileira, e ao serem expulsos do Brasil, chegaram livres e prósperos à costa norte americana para onde transplantaram a cidade que se tornou depois Nova York.

Ao contrário do que se pensa, a escravidão foi uma instituição que cresceu através dos séculos XVI e XVII com a consolidação do domínio europeu. O tráfico de escravos foi portanto a primeira grande operação comercial globalizada que levou à ascensão da hegemonia europeia, às custas das vidas e dos corpos de africanos e índios. A rápida desintegração da população ameríndia perpetrada pela guerra da conquista e pelas doenças introduzidas pelos europeus agravaram gradativamente a falta de mão-de-obra nas plantações coloniais e levaram à escravidão dos povos africanos. Índios e africanos compartilharam assim a primeira experiência comum do “terror” perpetrado pelas grandes nações europeias. A partir de 1530, os Portugueses começaram a importar escravos africanos para o Brasil. Quiçá a maior sombra que pese sobre a sua história, o Brasil foi o último país do continente americano a adotar a abolição, mais de 350 anos depois.

Não há de fato na história da humanidade algo tão cruel e desumano como o recorde da instituição do escravagis-

Les premiers Africains arrivés sur le continent américain étaient libres. Ils participaient d’un intense trafic commercial établi dès les premiers jours de la navigation entre l’Afrique, le Brésil, et les Caraïbes, alors appelées “Indes Occidentales”, aussi riches et importantes que les célèbres “Indes Orientales”. Suivant la tradition qui remonte à l’ancien Empire du Mali, Abubakari II aurait organisé, en 1311, le premier voyage transatlantique entre l’Afrique et le continent américain, presque deux siècles avant les Européens. Il est certain que les itinéraires vers les deux Indes étaient déjà établis bien avant les voyages de Colomb, Vespucci et Gamma et que ces itinéraires avaient compté avec l’expérience de navigateurs arabes, berbères, mandingues, et autres Africains, certains ayant guidé les navires européens. Ce sont aussi des négociants africains, arabes et juifs qui ont fait la richesse de la Nouvelle Amsterdam des Hollandais, l’actuelle ville brésilienne de Recife, et qui, après être expulsés du Brésil, sont arrivés libres et prospères sur la côte nord américaine où ils ont transplanté la ville qui plus tard deviendrait New York.

Contrairement à nos idées acquises, l’esclavage a été une institution qui a grandi à travers les XVIème et XVIIème siècles du fait de la consolidation de la suprématie européenne. La traite des esclaves fut donc la première grande opération commerciale globalisée qui a fait l’ascendance de l’hégémonie européenne, au prix de vies et de corps d’Africains et d’Indiens. La désintégration rapide de la population amérindienne perpétrée par la guerre de conquête et par les maladies introduites par les Européens a aggravé graduellement le manque de main-d’œuvre dans les plantations coloniales. Indiens et Africains ont partagé ainsi la première expérience commune de “terreur” pratiquée par les grandes nations européennes. À partir de 1530, les Portugais ont commencé à importer des esclaves africains au Brésil. Ceci étant peut-être la plus grande ombre pesant sur son histoire, le Brésil a été le dernier pays du continent américain à adopter l’abolition, plus de 350 ans après.

Il n’y a rien, en effet, d’aussi cruel et inhumain dans l’histoire de l’humanité que les records de l’institution de

mo. Mais de 15 milhões de índios perderiam suas vidas. Mais de 15 milhões de africanos teriam sido erradicados de suas terras e levados acorrentados às Américas, a grande maioria ao Caribe e ao Brasil, mas também à América Hispânica, à América do Norte e à Europa. Um número pelo menos duas vezes maior pereceria em alto mar, durante a “passagem média,” viagem transatlântica na qual os escravos eram encerrados e amontoados nos cascos dos navios, cenário de um inferno dantesco.

Os africanos que conseguiam desembarcar obviamente não perdiam a primeira oportunidade para escapar às torturas a que eram submetidos e se juntar aos índios que os haviam precedido nos territórios ainda não conquistados. Formaram-se assim os quilombos e marrons, símbolos da resistência à opressão e às atrocidades do colonizador europeu, e fontes de uma cultura de resistência. Das narrativas comuns de emancipação nasceria uma filosofia e estética simbiótica, resultado de uma grande mestiçagem entre diferentes povos africanos e indígenas, mas também semiótica, pois que serviria à comunicação de uma cultura incorporada e uma religiosidade proibidas pelos limites impostos pela escravidão.

O imperialismo europeu só sobreviveu graças ao racismo excludente e à tentativa de erradicação sistemática da humanidade e racionalidade de uma cultura que o historiador britânico Paul Gilroy balizou como a do “Atlântico Negro”: uma cultura híbrida, diaspórica, e globalizada, não circunscrita às fronteiras étnicas ou nacionais. Por causa da liberdade que lhe foi negada, esta cultura fez da arte a sua história, e da música sua religião. Não é por acaso, portanto, que as bandeiras do voodoo haitiano, através dos arabescos de seus veveys, ou o conceito de nação nas diversas religiões afro-brasileiras, marcam não a identificação com um grupo ou lugar específico, mas são signos da unificação de uma cultura que floresceu entre a África e as Américas, e que o europeu tentou fragmentar ou destruir.

l’esclavage. Plus de 15 millions d’Indiens perdraient leur vie. Plus de 15 millions d’Africains auraient été enlevés de leurs terres et emportés enchaînés aux Amériques, la grande majorité aux Caraïbes et au Brésil, mais aussi en Amérique Hispanique, en Amérique du Nord et en Europe. Un nombre au moins deux fois plus grand périrait en haute mer, pendant le “passage moyen,” voyage transatlantique où les esclaves étaient enfermés et entassés dans les cales des navires, scénario d’un enfer dantesque.

Les Africains qui réussissaient à débarquer profitaient, évidemment, de la première occasion pour échapper aux tortures auxquelles ils étaient soumis et rejoindre les Indiens qui les avaient précédés dans les territoires non encore conquis. Ainsi se sont formés les “quilombos” et les communautés marron, symboles de la résistance à l’oppression et aux atrocités du colonisateur européen, et sources d’une culture de résistance. Les récits communs d’émancipation ont donné naissance à une philosophie et une esthétique symbiotique, résultat d’un grand métissage entre différents peuples africains et indigènes, mais aussi sémiotique, qui servirait à communiquer une culture incorporée et une religiosité interdites par les limites imposées par l’esclavage.

L’impérialisme européen n’a survécu qu’à cause du racisme proscripteur et de la tentative d’éradication systématique de l’humanité et de la rationalité d’une culture baptisée “l’Atlantique Noir” par l’historien britannique Paul Gilroy: une culture hybride, diasporique et globalisée, non circonscrite aux frontières ethniques ou nationales. Parce que la liberté lui a été niée, cette culture a fait de l’art son histoire et de la musique, sa religion. Ce n’est pas par hasard, cependant, que les drapeaux¹ du vaudou haïtien, à travers les arabesques de leurs vévés², ou que le concept de nation dans les diverses religions afro-brésiliennes ne marquent pas l’identification avec un groupe ou un lieu spécifique; en effet, ce sont les signes de l’unification d’une culture qui a fleuri entre l’Afrique et les Amériques, et que l’Européen a tenté de fragmenter ou détruire.

O que não podia virar palavra, tornou-se gesto, o que não podia criar raízes, tornou-se movimento. A cultura tornou-se espírito, uma espécie de transcultura, e a humanidade implícita das divindades ancestrais africanas, ou nascidas na resistência contra os opressores, foi antes expressa através de conceitos como o invisível e os mistérios. Mas a resistência deu lugar à rebelião contra a repressão e o jugo. Em 1804, o Haiti torna-se a primeira república inteiramente livre do continente americano, pois os Estados Unidos haviam se tornado independentes e livres apenas para os filhos e descendentes de europeus. Ao reconquistarem o direito à palavra, grandes pensadores, artistas e autores afro-descendentes fizeram da recuperação da memória execrada e da autobiografia um ato de simultânea auto-criação e auto-emancipação.

É este processo que o projeto Olhares Cruzados visa continuar: ao dotar crianças na África, no Brasil e no Caribe, em regiões que se encontram até hoje subjugadas pela herança de colonialismos, com os meios para a articulação, a expressão e a comunicação de suas realidades, de suas culturas e de seus novos imaginários, através de um oceano que ainda hoje é muitas vezes silenciado, pretendemos possibilitar a continuidade da evolução e a transformação das relações humanas.

Marcelo Fiorini, Antropólogo,
Université de Paris III, Sorbonne Nouvelle

Ce qui ne pouvait être exprimé en mots est devenu geste, ce qui ne pouvait créer de racines, est devenu mouvement. La culture est devenue esprit, une espèce de transculture, et l'humanité implicite des divinités ancestrales africaines, ou celles issues de la résistance contre les oppresseurs, a été exprimée à travers des concepts comme l'invisible et le mystère. Mais la résistance a cédé sa place à la rébellion contre la répression et le joug. En 1804, l'Haïti devient la première république entièrement libre du continent américain, car les États-Unis n'étaient devenus indépendants et libres que pour les enfants et les descendants d'Européens. Après avoir reconquis le droit à la parole, de grands penseurs, artistes, et auteurs afro-descendants ont fait de la récupération de cette mémoire exécrée et de l'autobiographie, un acte simultané d'autocréation et d'auto émancipation.

C'est ce processus que le projet Regards Croisés a l'intention de poursuivre: en dotant les enfants d'Afrique, du Brésil, et des Caraïbes dans des régions qui se trouvent jusqu'aujourd'hui submergées par l'héritage de colonialismes de moyens d'articulation, d'expression et de communication de leurs réalités, de leurs cultures et de leurs nouveaux imaginaires, à travers un océan qui encore aujourd'hui est souvent tu, nous prétendons rendre possible la continuité de l'évolution et la transformation des relations humaines.

Marcelo Fiorini, Anthropologue,
Université de Paris III, Sorbonne Nouvelle



Haiti, uma cultura de resistência

O Haiti forma com o Caribe e o Brasil o conjunto dos países ou regiões que melhor conservaram a herança africana na América. Esta herança africana é o prolongamento da herança Taino, antiga de cerca de seis mil anos, que se opôs ante a invasão dos europeus (5 de dezembro de 1492) que vieram roubar, violar e matar em nome do cristianismo e da civilização. Mas o genocídio dos índios levou estes brancos a buscar à força milhões de negros da África, reduzi-los à escravidão a título de “bens materiais” e integrá-los ao sistema colonial escravocrata. Nele, estes negros foram sujeitos a um regime de exploração selvagem, a um regime de opressão e de repressão brutal, bem como a um regime de manipulação ideológica sem igual.

Perante esta situação desumanizante e degradante, os escravos negros a princípio se opuseram e se manifestaram em uma luta sem trégua para reconquistar os seus direitos humanos básicos, o que o sistema lhes recusava por todos os meios. O “aquilombamento” nas montanhas (Doko) permitiu a formação de uma identidade cultural própria que não é outra senão “a linguagem original das massas, a linguagem das frustrações sócio-históricas dos oprimidos, uma linguagem de resistência e um local invulnerável contra os exploradores e os opressores”. E com esta cultura de luta que os escravos negros puderam chegar a fundar, em 1º de janeiro de 1804, a primeira república negra do mundo ou a segunda república livre da América, após os Estados Unidos.

Mas esta experiência inigualável foi rapidamente considerada como perversa e subversiva da ordem colonial e escravagista que reinava na América. A revolução haitiana foi portanto demonizada, reprimida e asfixiada de modo que outras colônias da América não seguissem este mau exemplo do Haiti.

Paralelamente, a nova elite haitiana construiu uma sociedade baseada no apartheid social e na exclusão. A alienada e enfraquecida elite haitiana nunca pôde realizar uma verdadeira integração nacional e social.

Haïti, une culture de résistance

Haïti forme avec les Caraïbes et le Brésil, l'ensemble des pays qui ont mieux conservé l'héritage africain en Amérique. Cet héritage africain est le prolongement de l'héritage taino, vieux de près de six mille ans, qui a résisté face à l'invasion des Européens (5 décembre 1492) venus voler, violer et tuer au nom du christianisme et de la civilisation. Mais le génocide des Indiens a poussé ces Blancs à faire chercher de force des millions de noirs d'Afrique, les réduire en esclavage à titre de “biens meubles” et les intégrer dans le système colonial-esclavagiste. Là ces noirs sont soumis à un régime d'exploitation sauvage, à un régime d'oppression et de répression brutale et à un régime de manipulation idéologique sans pareil.

Face à cette situation aussi déshumanisante que dégradante, les noirs esclaves ont d'abord résisté et manifesté une lutte sans merci pour la reconquête de leurs droits humains élémentaires que le système leur refusait par tous les moyens. Le marronnage dans les mornes (Doko) a permis la formation d'une identité culturelle propre qui n'est autre que “le langage original des Masses, le langage des frustrations socio-historiques des opprimés, un langage de résistance et un lieu d'invulnérabilité face aux exploiters et aux oppresseurs”. C'est avec cette culture de lutte que les noirs esclaves ont pu arriver à fonder, le 1er Janvier 1804, la première République Noire du monde ou la seconde république libre de l'Amérique après les Etats-Unis.

Mais, cette expérience unique fut rapidement considérée comme perverse et subversive de l'ordre colonial et esclavagiste régnant en Amérique. La révolution haïtienne fut donc diabolisée, endiguée et étouffée pour que les autres colonies de l'Amérique ne suivent ce “mauvais” exemple d'Haïti.

Parallèlement, la nouvelle élite haïtienne a construit une société basée sur l'apartheid social et l'exclusion. L'élite haïtienne extravertie et anémiée n'a jamais pu réaliser une véritable intégration nationale et sociale. L'Etat et

O estado e a elite haitiana sempre manifestaram uma atitude de desprezo no que diz respeito às massas e à cultura popular. As massas haitianas retomaram outra vez a resistência secular, inventando todas as formas e estratégias de sobrevivência a partir do vodou, do analfabetismo e da oralidade, da língua crioula e de sua referência à África...

Jean Yves Blot, Diretor Geral da Instituto Nacional de Etnologia do Haiti.

l'élite haïtienne ont toujours manifesté une attitude méprisante vis-à-vis des masses et de la culture populaire. Les masses haïtiennes sont de nouveau repliées dans la résistance séculaire inventant toutes formes de stratégies pour survivre à partir de leur vodou, leur analphabétisme et leur oralité, leur langue créole et leur référence à l'Afrique...

Jean Yves Blot, Directeur Général du Bureau National D'Ethnologie d'Haïti





Frechal - Maranhão

Frechai: O negro não se calou!

A história do quilombo Frechai teve início em 1792, quando Manuel Coelho de Sousa recebeu, por meio de sesmaria, a gleba de terra a qual denominou Fazenda Pindobal, na época, Município de Guimarães (atual município de Mirinzal). Em seu testamento de partilha, aquela terra passou para as mãos de Torquato Coelho de Sousa, junto com escravos de diversas nações africanas.

Nesta época já existiam na região grandes quilombos, como o de Lagoa Amarela, no município de Chapadinha, Limoeiro, no município de Turiaçu, e outros. Os quilombolas participavam de ações que ultrapassavam a defesa do quilombo, como no caso do movimento chamado Guerra da Balaiada, liderado por Negro Cosme, ocorrido entre 1838 e 1841.

Foi nesse contexto histórico que o quilombo Frechai viveu durante 210 anos, com suas lutas e sua cultura passando de geração para geração. Uma comunidade cuja história sempre esteve ligada ao próprio processo da escravidão no Maranhão.

Mesmo após a suposta abolição da escravidão, os quilombolas de Frechai tiveram de continuar lutando por sua sobrevivência, sua liberdade e sua independência. Em 1974, teve início um novo e intenso conflito, com a chegada na comunidade de um pretense proprietário que se intitulou dono daquelas terras, trazendo consigo o absurdo do desmatamento e muitas proibições: de roçado, criação de animal doméstico, construção de casas, pesca artesanal, manifestações culturais... Ou seja, novamente a escravidão...

Este conflito chegou a durar 20 anos. No começo, os habitantes de Frechai se sentiram bastante desorientados, mas em 1985, cansados de sentir na pele o quanto estavam sendo prejudicados por esta nova escravidão, resolveram se organizar como um grupo, mobilizando-se contra aquela exploração. A primeira atitude a ser tomada foi a fundação de uma associação de moradores, com participação da Igreja, do sindicato e de diversas entidades de apoio. A mobilização estendeu-se até o Centro de Cultura Negra do

Frechal: Le nègre ne s'est pas tu!

L'histoire du quilombo Frechal commence en 1792, quand Manuei Coelho de Sousa reçoit du roi de Portugal le morceau de terre qu'il appelle Fazenda Pindobal, à l'époque dans la commune de Guimarães (aujourd'hui, commune de Mirinzai). Par son testament, cette terre et ses esclaves de diverses nations africaines, passe aux mains de Torquato Coelho de Sousa.

À cette époque, il existait déjà dans la région de grands quilombos, comme celui de Lagoa Amarela dans la commune de Chapadinha, celui de Limoeiro dans la commune de Turiaçu, et d'autres. Les membres des quilombos participaient à des initiatives qui excédaient leur défense, comme le cas du mouvement appelé Guerra da Balaiada, mené par Negro Cosme, de 1838 à 1841.

C'est dans ce contexte historique que le quilombo Frechal vécut pendant 210 ans, ses luttes et sa culture passant de génération en génération. Une communauté dont l'histoire a toujours été reliée au propre processus d'esclavage du Maranhão.

Même après la supposée abolition de l'esclavage, les quilombolas du Frechal ont dû continuer à lutter pour leur survie, leur liberté et leur indépendance. En 1974, un nouveau et intense conflit s'est déclenché, avec l'arrivée dans la communauté d'un soi-disant propriétaire qui s'est intitulé maître de ces terres, apportant avec lui l'absurdité du déboisement ainsi que beaucoup d'interdictions: de fauche, d'élevage d'animaux domestiques, de construction des maisons, de pêche, de manifestations culturelles... Soit, un nouvel esclavage...

Ce conflit a duré jusqu'à 20 ans. Au début, les habitants de Frechal se sont sentis bien désorientés, mais en 1985, lassés de se faire tant porter préjudice par ce nouvel esclavage, ils décidèrent de s'organiser comme un groupe en se mobilisant contre cette exploration. La première mesure prise a été la fondation d'une association de résidents, avec la participation de l'Église, du Syndicat et de différentes institutions d'appui. La mobilisation s'est étendue jusqu'au Centre de la Culture Noire du Maranhão et la So-

ciété de Droits Humains du Maranhão, où un procès judiciaire a été réalisé, culminant dans la création d'une réserve d'extraction, aujourd'hui connue dans tout le Brésil comme Réserve d'extraction du Frechal. La reconnaissance de leurs droits a garanti à la communauté du Frechal une vie meilleure et plus digne.

A luta pela posse da terra marca a existência e o cotidiano de todos os trabalhadores que, há séculos, vivem e cultivam no quilombo Frechai. Estes trabalhadores, descendentes de escravos, não são frutos de movimentos migratórios. A sua memória oral não está presa a outro lugar senão ao Frechai: eles sempre estiveram lá, seus pais e seus avós nasceram e foram enterrados naquelas terras.

Ivo Fonseca Silva, Coordenador Executivo da Aconerug - Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão

ciété de Droits Humains du Maranhão, où un procès judiciaire a été réalisé, culminant dans la création d'une réserve d'extraction, aujourd'hui connue dans tout le Brésil comme Réserve d'extraction du Frechal. La reconnaissance de leurs droits a garanti à la communauté du Frechal une vie meilleure et plus digne.

La lutte pour la possession de la terre marque l'existence et le quotidien de tous les travailleurs qui, depuis des siècles, vivent et cultivent au quilombo Frechal. Ces travailleurs, descendants d'esclaves, ne sont pas le fruit de mouvements migratoires. Leur mémoire orale n'est liée qu'au Frechal: ils ont toujours vécu dans ces terres, leurs parents et grands-parents y sont nés et y sont enterrés.

Ivo Fonseca Siiva, Coordinateur Exécutif de l'Aconerug - Association des Communautés Noires Rurales Quilombolas- du Maranhão



No Brasil, fui surpreendido pela grande diversidade cultural do País. As culturas ameríndia, africana e europeia se encontram nesse país imenso, de maneira intrínseca ou miscigenada, variando conforme as cidades, regiões ou ainda comunidades.

Dirce Carrion me guiou pelo seu país e me fez descobrir algumas de suas facetas. Depois da grande cidade de São Paulo fomos para o estado do Maranhão e nos hospedamos na comunidade do Frechai, onde residem algumas centenas de habitantes que são chamados de quilombolas. Os quilombolas são estranhamente parecidos com os haitianos.

Quilombola, no Brasil, significa escravo fugido. Durante o período da escravidão, os escravos fugidos tomavam posse de uma área e organizavam a vida à sua maneira, ou seja, como na África. Hoje, eles vivem em comunidade, efetuam os trabalhos de interesse geral e comum, ajudam-se uns aos outros e são os guardiões de sua tradição. Admirei o caráter pacífico e sereno e a gentileza dos habitantes dessa comunidade negra do Brasil.

Mas o que mais me surpreendeu foi ficar sabendo que existia, naquela região, uma outra comunidade de quilombolas que se chamava Haiti. Sim, Haiti, com a mesma ortografia que a nossa, sem, no entanto, o trema, que não é usado em português sobre a vogal "i". Assim como no Frechai, os quilombolas tomaram posse de uma terra e a chamaram de Haiti, o que quer dizer, na antiga língua do Benin, "esta terra é nossa". Será que alguma vez, uma única vez, já me deram esse significado para a origem do nome de meu país? Eu não teria acreditado...

Os ateliês de fotografia e pintura com as crianças dessas comunidades foram uma experiência única, interessante e cheia de sensibilidade. Conseguimos nos comunicar, apesar da barreira que a língua pode provocar, e no Frechai, assim como no Senegal, me senti como se estivesse em casa. Entre os meus. Nós nos parecemos.

Maxence Denis, Artista plástico e fotógrafo

Au Brésil, j'ai été surpris par la très grande diversité culturelle de ce Pays. Les cultures amérindienne, africaine, européenne se retrouvent dans ce même pays, immense, de manière intrinsèque ou métissée, selon les villes ou les régions ou encore les communautés.

Dirce Carrion m'a guidé et m'a fait découvrir quelques facettes de son pays. Après la grande ville de São Paulo de 18 millions d'habitants, nous nous sommes rendus dans l'État du Maranhão, et nous avons séjourné dans la communauté de Frechal où résident quelques centaines d'habitants qui se nomment les Quilombos. Les Quilombos ressemblent étrangement aux Haïtiens.

Quilombos veut dire marrons au Brésil. Pendant la période de l'esclavage, des marrons ont pris possession d'un terrain et ont organisé leur vie à leur manière, c'est-à-dire, comme en Afrique et aujourd'hui ils vivent en communauté, effectuent les travaux d'intérêt général en commun, s'entraident les uns les autres et sont les gardiens de leur tradition. J'ai admiré le côté paisible et serein et la gentillesse des habitants de cette communauté noire du Brésil.

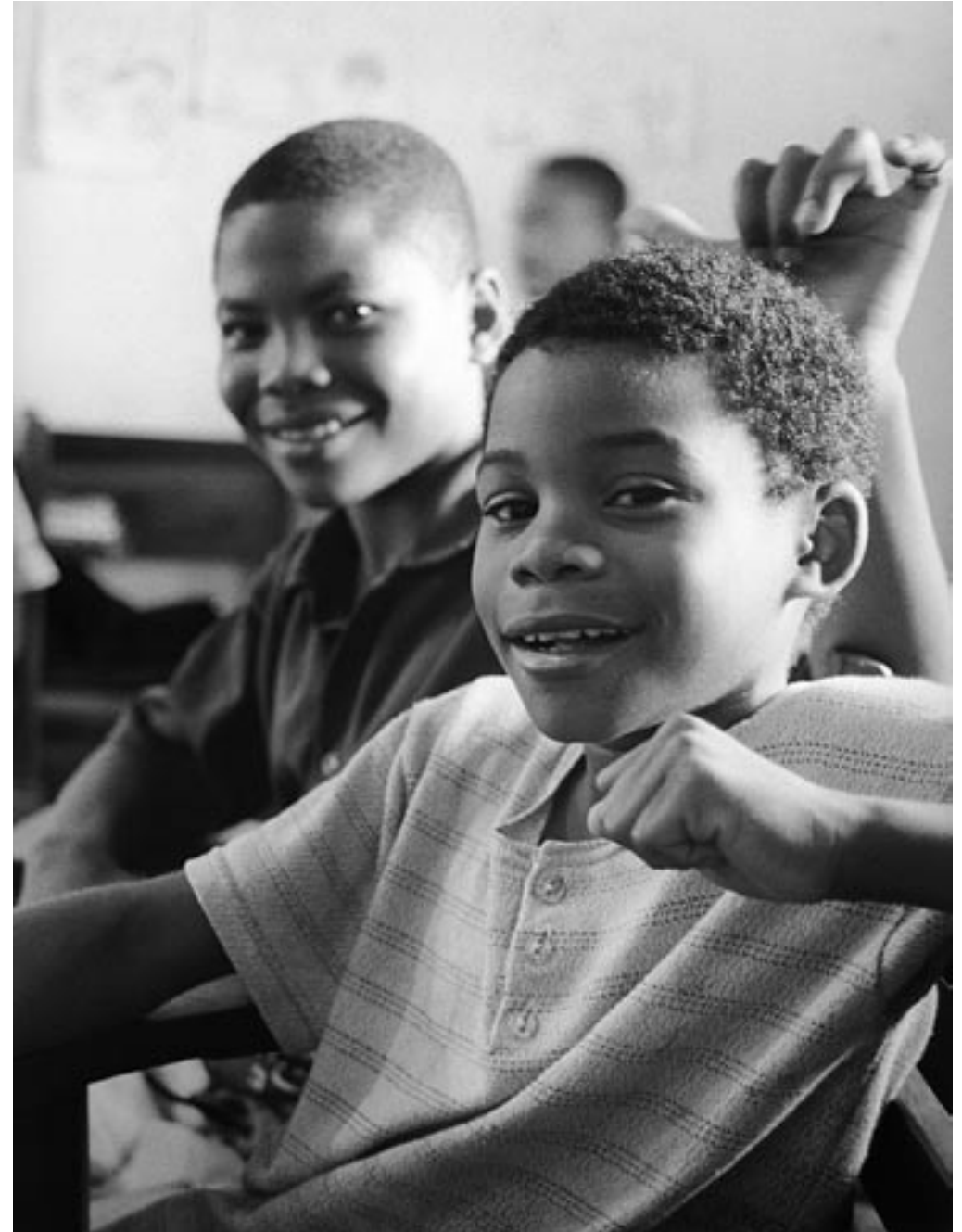
Mais ce qui m'a le plus surpris c'est d'avoir appris qu'il existait dans cette région une autre communauté de Quilombos qui s'appelait Haiti, Oui, Haiti avec la même orthographe que le nôtre, sans toutefois le tréma sur le i, qui n'existe pas en portugais. Tout comme à Frechal, des Quilombos ont pris possession d'une terre et l'ont appelé "Haïti", ce qui veut dire en vieux langage béninois: "cette terre est à nous...", mais ne m'avait-on pas donné une, mais une seule fois, cette signification à propos de l'origine du nom de mon pays? Je ne l'avais pas cru.

Les ateliers de photographie et de peinture avec les enfants de ces communautés ont été une expérience unique, intéressante et pleine de sensibilité. La communication a eu lieu, malgré la barrière que peut provoquer la langue, et au Frechal, tout comme au Sénégal, je me suis senti chez moi. Parmi les miens. Nous nous ressemblons.

Maxence Denis, Plasticienne, photographe













fotos das crianças do frechal

photos des enfants de frechal

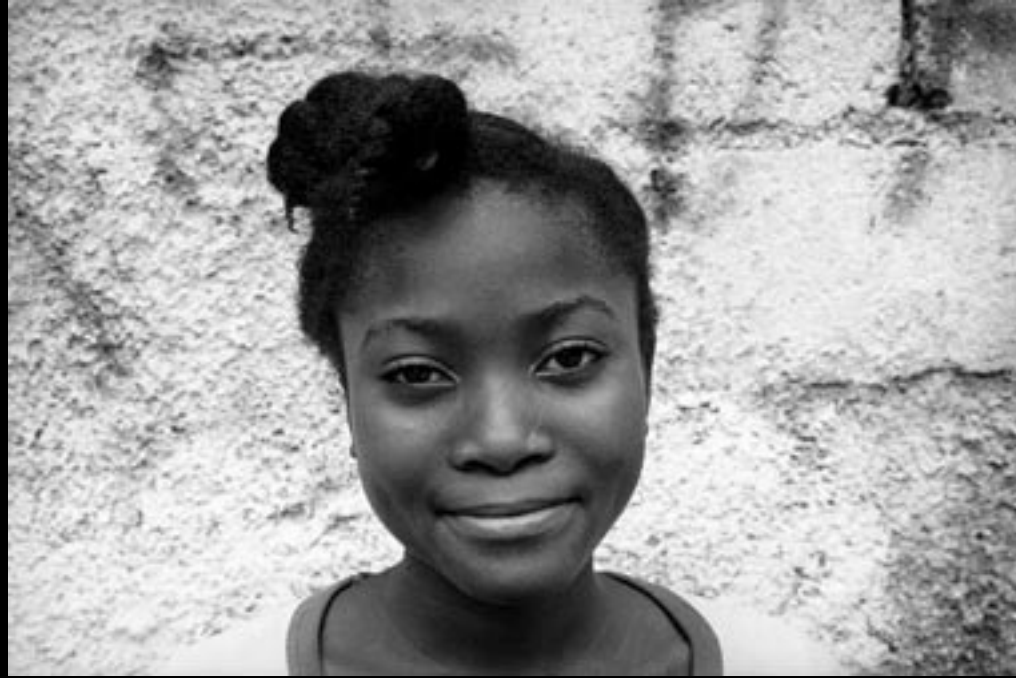
FRECHAL - Anácia Ana Dalva Ana Look Aurivan Bruna Dayane Érica Erick Gislainy Inácio Joberth John Karina Kássia Kindara Kindê Leandro Leomarcos Luciano Luis Natácio Rarianne Sidney Taciane Thamlys Vanessa Walison
DESERTO - Adilson Campos Vieira Aldirene Silva Velvo Alexandra Campos Ana Priscila Ribeiro Campos Andreia Silva Santos Arenildes Trindade Silva Beatrice Ferreira Ribeiro Bruna Cladenir Mafra Deuzenilde Pereira da Silva Edeilde Carvalho Ferreira Erik Jevi Carvalho Géssica Manuela Santos Moreira Gledison Lopes Gleiciene Campos Gleicivânia Jadilson Ferreira Rocha Josenildes Pereira da Silva Josilene Campos Mafra Letícia Luciane Ribeiro Santos Marilha Cunha Campos Marilucy Silva Mikalle Baita Rodrigues Nelcilede Osenilde Coelho Silva Raina Fabianne Araújo Taiane Pereira Silva Taiara Ferreira Mondengo Vaneide Vieira Ferreira Vitor Augusto Ferrira dos Santos











Port Au Prince

Fotos que fazem falar a vida

Poderíamos falar de muitos pontos em comum entre o Haiti e o Brasil. Duas terras que brilham de uma mesma centelha; uma tão grande como um continente, outra uma pequena quase-ilha sobre o mar das Antilhas.

Poderíamos começar pela História: a violência do rapto nas costas africanas, no bojo de navios negreiros, as correntes para os pés e ombros agrilhoados. Poderíamos contrapor a revolta contra a escravidão, a ânsia de libertar-se do inferno colonial, e as vitórias do direito contra as grandes injustiças, para devolver à memória seu quinhão de dignidade.

Poderíamos depois elaborar sobre o inventário das imensas riquezas destas culturas cruzadas: ioruba e latina. Passando de um povo ao outro, descrevendo suas semelhanças, dos orixás aos loas, de Ogum à Ogou, de Ojá à Agwe, de Iemanjá à Erzulie. Dos ritmos e das cores, samba e yanvalou, pintura naïve e teatro total. Esta arte comum de falar, de pintar e cantar a dor e o riso. Esta capacidade de inventar que transforma todo ruído em música e não importa qual objeto, em obra de arte.

Poderíamos também falar da realidade social. Da configuração aparente das desigualdades, das faces semelhantes da discriminação. Rio e Porto-Príncipe, cidades e favelas, e a mesma pobreza que desce as montanhas.

Poderíamos falar de todas as coisas comuns a estes dois países. A dor, o heroísmo. A beleza, o orgulho. A fidelidade à primeira origem, a difícil chegada à modernidade. O passado e a luta por um futuro melhor e um mundo mais justo. Olhemos tudo isto, habitemos ao mesmo tempo o real e o sonho.

Mas nós podemos também nos deter. Deixar a vez à infância. Não somos cegos ao sonho e à realidade porque crescemos em bairro pobre. Não somos privados de talento porque a sociedade na qual vivemos se acomoda ante nossa miséria, a gera, a tolera.

Des photos qui disent la vie

Nous uournons parler des multiples points communs entre le Brésil et ri-laïti, Deux terres qui brillent d'un éclat commun, l'une aussi grande qu'un continent, l'autre, une oetite presqu'île dans la mer des Antilles.

Nous poumons commencer par l'Histoire: la violence du rapt sur les côtes africaines, la cale des négriers, les chaînes pour les pieds et l'épaule etampée. Nous pourrions opposer la révolte à l'esclavage, le vœu de liberté à l'enfer colonial, les victoires du droit contre la arande injustice, pour rendre à la mémoire sa part de dignité,

Nous pourrions ensuite vous dresser l'inventaire des immenses richesses de ces cultures croisées, Yoruba et latinité. Passer d'un peuple a l'autre, décrire leurs ressemblances, des Onxas aux Loas, d'Ogun à Ogou, d'Ovat a Agwe, de Yemanja à Erzulie. Des rythmes et des couleurs, samba et yanvalou, peimure naïve et théâtre total. Cet art commun de dire. de peindre et de chanter la douleur et le rire. Cette capacité inventive qui transforme tout bruit en musique, n'importe quel objet en objet d'art,

Nous pourrions aussi vous parler de la réalité sociale. De la configuration semblable des inégalités, des visages similaires de la discrimination, Rio et Port-au-Prince, villas et bidonvilles, et la même pauvreté descendant des colhnes,

Nous pourrions parler de toutes ces choses communes aux deux pays. La douleur, l'héroïsme. La beauté, la fierté. La fidélité à l'origine première, la difficile entrée dans la modernité. Le passe et la lutte pour un avenir meilleur et un monde plus iuste. Regarder tout, cela, habiter en même temps le réel et le rêve.

Mais nous pouvons aussi nous taire. Laisser la place a l'enfance. On n'est pas aveugle au rêve et au réel parce que l'on grandit dans un quartier pauvre. On n'est pas onvé de talent parce que la société dans laquelle on vit s'accommode a notre misère, la génère, la tolère.

As crianças do Haiti e do Brasil são seres vivos. Antes de falarmos por eles, é importante escutar o que dizem, seguir seus olhares, encorajar o diálogo entre eles, de um bairro desfavorecido de Porto-Príncipe a uma comunidade pobre do Brasil, seguir a expressão deste fundo cultural africano que se perpetua, resiste e enriquece outras fontes culturais.

As crianças do Brasil e do Haiti têm olhos que vêem o mundo tal como ele é e tal como ele deveria ser. Com uma câmera, eles fixaram sobre a película os momentos de suas vidas e de seus universos, tirados de fragmentos da vida cotidiana. Com uma câmera, elas deram um sentido aos lugares, aos objetos, às cenas, sob as quais despontam, ao mesmo tempo, suas heranças e condições, mas também suas ternuras e esperanças. Estas fotos revelam suas apreensões espontâneas das coisas da vida, o desejo de fazer e de fazer bem, se eles têm acesso ao saber-fazer.

As crianças do Brasil e do Haiti são seres humanos, Filhos da miséria¹ perdidos em suas Cidade de Deus², mas Capitães de areia³ e Governadores do orvalho⁴. As crianças negras do Brasil e do Haiti são pobres e ricas. Tão vivazes quanto vivas.

Que aquele ou aquela que olhar estas fotos reconheçam nelas o pulsar de seus corações e tudo o quanto é possível dentro de si mesmos.

Evelyne e Lyonel Trouillot, Escritores haitianos

Les enfants d'Haïti et du Brésil sont des êtres vivants. Plutôt que de parler pour eux, il est important d'écouter ce qu'ils disent, de suivre leur regard d'encouragé, le dialogue entre eux. d'un quartier défavorisé de Port-au-Prince à une communauté pauvre du Brésil, de suivre l'expression de ce fond culturel africain qui se perpétue, résiste et s'enrichit d'autres apports culturels.

Les enfants du Brésil et d'Haïti ont des yeux qui voient le monde tel qu'i est et tel qu'il devrait être Avec une caméra, ils ont fixé sur pellicule des moments de eurs vies et de leur univers, sais, des fragments de leur vie quotidienne. Avec une caméra, ils ont donné un sens a des iieux, des objets, des scènes derrière lesqueis pointent à la fois leur héritage et leur condition, mais aussi leur tendresse et leur espoir. Ces photos révèlent leur saisie spontanée des choses de la vie, l'envie de faire et de bien faire, s'ils ont accès au savoir-faire.

Les enfants du Brésil et d'Haïti sont des êtres humains Fils de misère¹ perdus dans leurs Cité de Dieu², mais Capitaines des sables³ et Gouverneurs de la rosée⁴. Les enfants noirs du Brésil et d'Haïti sont si pauvres et si cnnes. Si vivants et vivaces.

Que celui ou celle qui regarde ces photos y reconnaisse relan de leur cœur et tout le possible en eux.

Evelyne et Lyonei Trouiiiit, Écrivain haïtien



Sem um espaço de visibilidade e sem confiar na palavra e na ação como modo de viver juntos, nem a realidade de seu próprio eu, de sua própria identidade, nem a realidade do mundo que nos cerca pode ser estabelecida.
Hannah Arendt

Bienvenue chez nous: as boas vindas em giz colorido sobre a lousa verde espelham os olhares ansiosos dos alunos que nos recebem na escola Isidore Boisrond. Charles, Alexandra, Mireille, Wenchise, Jean-Bernard... tantos nomes e sorrisos para um tempo infelizmente curto demais. Nos crachás cuidadosamente improvisados alguns sobrenomes ecoam a história da singular independência do país enquanto os olhos revelam a mesma curiosidade de todas as crianças do mundo. Alguns dias depois, a Escola Discreta Aumone nos acolhe em Bei Air com novos nomes e olhares, mas com igual curiosidade, saudável motor de qualquer processo criativo e de troca.

No espaço de uma semana, o Brasil da camisa 9 de Ronaldo pintada na traseira dos tap-taps, das bandeiras verde e amarela nos muros de Bei Air e nos uniformes da Minustah é descoberto através das paisagens do Maranhão, das festas de Bumba, dos pequenos quilombolas do Frechal, dos pássaros multicoloridos... Nas páginas dos livros trazidos de tão longe les ti-mômes conhecem um pouco mais desta terra tão proxima-mente distante. E vocês, o que podem fotografar para apresentar sua comunidade às crianças do Brasil? A pergunta inspira e excita: do Palais National à decoração da sala de estar, dos cartazes de cinema ao lixo nas ruas, dos vendedores ambulantes ao jantar em família, a lista vai tenuamente traçando um retrato da vida em Port au Prince.

Em minha trajetória de artista mediadora é esta capacidade da fotografia para promover a observação individual e coletiva acerca de si mesmo e seu entorno que me interessa. Instigar o olhar e a partir dele o pensar-se é o que tem orientado meu trabalho com crianças e jovens em diversos países. Para além do manuseio das máquinas fotográficas é esta reflexão criativa que

Sans espace de visibilité et sans croire qu'actes et paroles soient une manière de vivre ensemble, ni la réalité de sa propre existence, de sa propre identité, ni la réalité du monde environnant ne peuvent être établies.
Hannah Arendt

Bienvenue chez nous: le message de bienvenue écrit à la craie de couleur sur le tableau vert reflète les regards anxieux des élèves qui nous reçoivent à l'école Isidore Boisrond. Charles, Alexandra, Mireille, Wenchise, Jean-Bernard... tant de prénoms et de sourires pour un temps malheureusement trop court. Sur les badges soigneusement improvisés, quelques noms de famille témoignent de l'histoire singulière de l'indépendance du pays tandis que les yeux révèlent la même curiosité de tous les enfants du monde. Quelques Jours après, à Bel Air, de nouveaux prénoms et les mêmes regards curieux, source de tout procès créatif, nous accueillent à l'École Discreta Aumône.

Toute une semaine, le Brésil représenté par la chemise n° 9 de Ronaldo peint à l'arrière des tap-taps, les drapeaux jaune et vert peints sur les murs de Bel Air et accrochés aux treillis de Minustah, est découvert à travers les paysages du Maranhão, les fêtes de Bumba, les images des petits descendants des esclaves noirs, les quilombolas du Frechal, les oiseaux aux vifs coloris... Sur les pages des livres ramenés de si loin, les "ti-mômes" en savent un peu plus sur cette terre si lointaine et étrangement si proche. "Et vous, que pourriez-vous photographier pour présenter votre communauté aux enfants du Brésil?" La question inspire et excite: du Palais National à la décoration de la salle de séjour, des enseignes de cinéma aux débris dans les rues, des vendeurs ambulants au dîner en famille, la liste trace peu à peu un portrait de la vie à Port-au-Prince.

Dans mon parcours d'artiste médiatrice, ce qui m'intéresse c'est cette capacité qu'offre la photographie de promouvoir l'observation, tant individuelle que collective, de soi-même et de ce qui l'entoure. C'est provoquer le regard en tant qu'instigateur de la réflexion sur soi-même qui oriente mon travail dans différents pays auprès des enfants et des

dá sentido ao processo. Se num primeiro momento, a máquina fotográfica oferece uma oportunidade de retratar o mundo à sua volta sob seu próprio ponto de vista, com tempo e cuidado, a fotografia pode tornar-se não só uma forma de expressão mas também uma ferramenta de empoderamento e de desenvolvimento de uma consciência coletiva que permite ocupar e garantir um espaço social próprio.

Em Port-au-Prince, as imagens sem censura das crianças, espontâneas no enquadramento e tecnicamente cruas, falam mais de suas comunidades e de suas vidas do que qualquer ensaio fotográfico que eu poderia ter feito no meu curto tempo de estrangeira em solo haitiano. À moldura da janela do automóvel que me conduz pela cidade as crianças respondem com o marco da porta do quarto, à altura do Urutu que me leva até Bei Air, elas contrapõem os dois pés bem plantados no chão de uma estreita viela, à distância de passagem elas respondem com uma proximidade quase palpável, uma intimidade que salta aos olhos exclamando: esta é a minha vida! Os bichos de pelúcia que comem sobre a cama, a mãe de seios desnudos, as pinturas do pai orgulhosamente exibidas, a lição de casa feita sobre os degraus da escada de cimento, os bibelôs sobre a cómoda recoberta por um tecido florido, os colegas a caminho da escola sob um céu cinza... fragmentos de tantas famílias, de tantas histórias compoem um mosaico mais do que revelador de uma cidade. À tamanha riqueza, só posso acrescentar alguns poucos retratos, cheios de respeito e ternura, testemunhas desse encontro com esses jovens haitianos, com o desejo de que seu futuro seja mais esperançoso do que este presente tão marcado pela dificuldade, pela violência e pela falta de perspectivas.

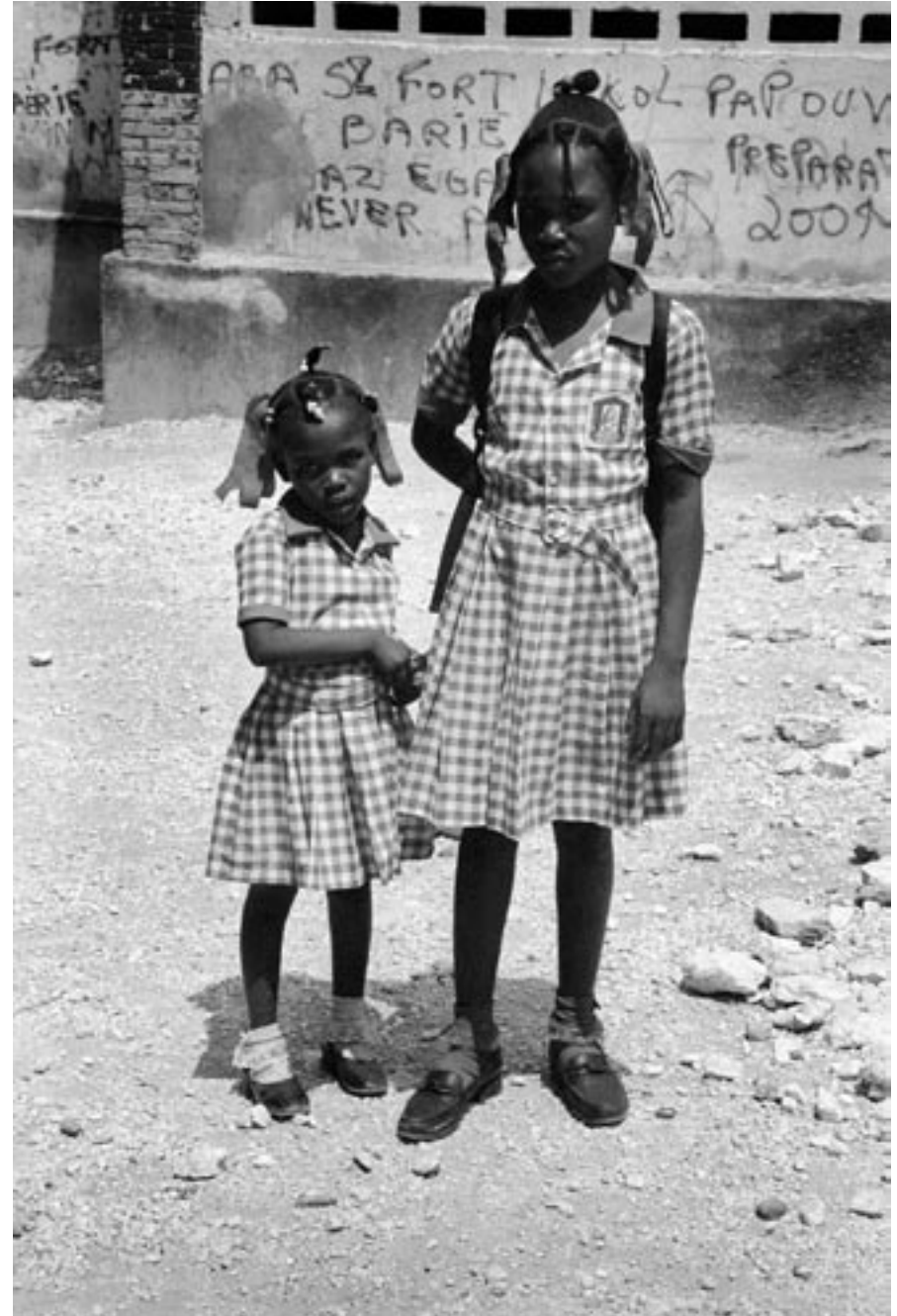
Marie Ange Bordas, Artista plástica e fotógrafa

jeunes. Il s'agit d'aller au-delà de la simple utilisation des appareils photographiques pour aboutir à cette réflexion créatrice qui donne un sens au processus. Ainsi, si dans un premier temps, l'appareil photo offre l'occasion de saisir une image personnalisée du monde qui nous entoure, en lui consacrant un certain temps et quelques soins attentifs, la photo peut devenir, non seulement un mode personnel d'expression mais aussi un instrument de capacité (empowerment) et de développement d'une conscience collective qui permet d'occuper et de garantir un espace social commun.

A Port-au-Prince, les images prises sans censure par les enfants, spontanés dans le cadrage et sans préoccupations techniques, nous parient mieux que n'importe quel essai photographique que j'aurais pu avoir produit en si peu de temps en sol haïtien, de leurs communautés et de leurs vies. À l'encadrement de la vitre de l'automobile qui me conduit en ville, les enfants répondent par le pas de la porte de leur chambre; à la hauteur du char blindé, VUrutu qui m'amène à Be! Air, ils opposent leurs deux pieds bien enfoncés dans la terre d'une ruelle étroite; à la distance du passage, ils répondent par une proximité quasiment palpable, une intimité qui saute aux yeux, qui semble clamer: "C'est ça ma vie!" Les animaux en peluche qui mangent sur le lit, les seins dénudés de la mère, les peintures du père exhibées avec orgueil, le devoir de classe fait sur les marches de l'escalier en ciment, les bibelots sur le meuble recouvert d'un tissu à fleurs, les copains qui vont à l'école sous un ciel gris... fragments de tant de familles, tant d'histoires qui composent une mosaïque unique révélatrice d'une ville. À une si grande richesse, je ne peux qu'offrir quelques rares portraits, emplis de respect et de tendresse, témoignages de cette rencontre avec ces enfants et jeunes haïtiens, à qui je souhaite ardemment que, dans un proche avenir, soit récompensé leur espoir de changer ce présent si durement marqué par les difficultés, la violence et l'absence de perspectives.

Marie Ange Bordas, Plasticienne, photographe













fotos das crianças de port au prince

photos des enfants de port-au-prince

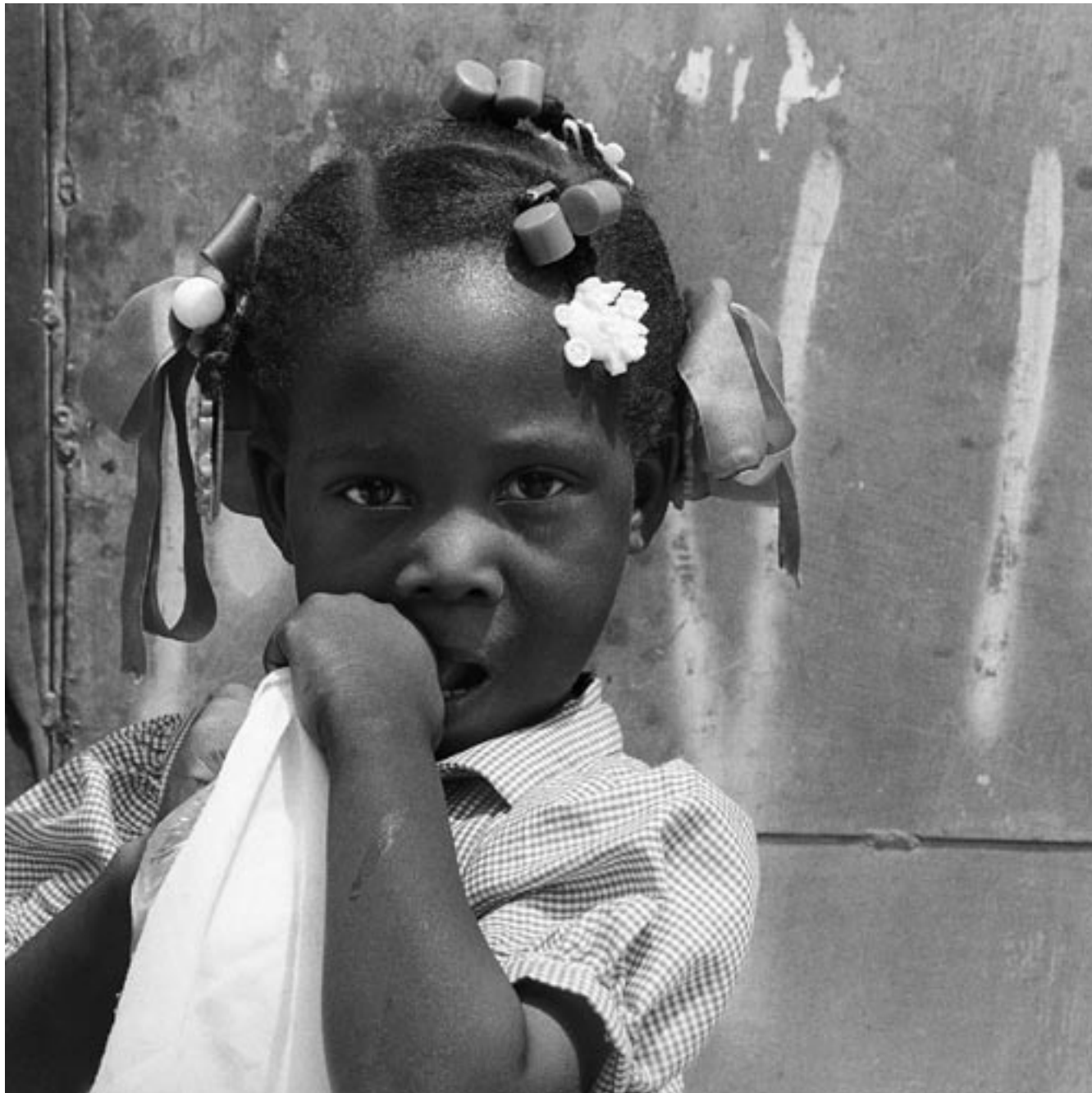
ÉCOLE ISIDORE BOISROND - Aderna Desvarieux **Alexandra Borgella** Alexandra Toussaint **Anderson Charles**
 Cadet Re **Calixte Jean Bernard** Florence Joseph **Jean Gulle Lenes** Jean Widner François **Josiane Theodore**
 Kensy François **Ketia Francisque** Lens Jean Sission **Max Junior Barthelmy** Michel Isamaelle **Mireille Jules**
 Mirlanda Joseph **Nathalie Civil** Saint-Aime Peterson **Schylla Dawine** Sheena Richard **Steffi**
Kenya Maignant Vanessa Casseus **Vanessa Narcisse** Wanson Fleurantin **Wenchise Toussaint**
 ÉCOLE DISCRÈTE AUMONE - Bettyna Volcy **Claudine Hipolite** Darline Petion **Delva Boaz** Etienne Luckner
Fabiola Desir Farah Rochefort **Formela Ruth** Getro Moise **Illysse Frantzpy** Ivonne Pierre **James Joseph**
 Julanie Beauvic **Juslene Moise** Linda Joseph **Lucien John** Marie Micheline Brevil **Marise Ismael**
 Max Du Frere **Mythil Daphta** Ralph Bissnith **Ricardo Descoches** Saatona Chevy **Ulysse Makenzy**











Fantasia infantil em tempos difíceis

Brincadeiras e jogos são não apenas recursos essenciais para a construção da passagem da infância para o mundo adulto, mas consistem nas ferramentas mais eficazes para se cuidar

Les fantaisies des enfants en temps difficiles

Le jeu n'est pas simplement un moyen essentiel pour la construction du passage de l'enfance vers le monde adulte, mais c'est l'outil le plus efficace pour traiter les troubles psychiques issus de l'instabilité ou de la désagrégation des liens sociaux et familiaux dans les conflits armés ou dans les situations de carence économique. Bien que beaucoup l'ignorent, le droit au jeu est reconnu par la Convention internationale sur les Droits de l'Enfant.

En plus des blessures concrètes, mesurables, les ambiances oppressives tendent à bouleverser un fondement essentiel de l'enfance: la croyance que les parents peuvent protéger leurs enfants dans des circonstances dangereuses. La pauvreté et l'exclusion sociale, même si plus insidieuses que les conflits, participent aussi au démontage de familles et à la désorientation face à un quotidien hostile.

En dehors de la conception de la guerre comme inhérente à la nature humaine, des instances où le recours aux armes semble juste selon le droit international, ou de l'acceptation tacite, parfois religieuse, que la misère est le fruit de différences inévitables entre les hommes, les gouvernements et la collectivité ne peuvent fuir l'engagement d'atténuer la souffrance des enfants.

Les activités ludiques doivent prendre en compte les croyances et les principes du groupe social où elles sont employées. Des ateliers de photographie – pour ce qui est de la propre nature de la photographie – favorisent aussi le retour à la fantaisie et à l'imagination. Le matériel inévitable n'est qu'un instrument pour qu'enfants et adolescents puissent se "réapproprier" des ambiances, des coutumes et des habillements qui constituent les personnages et les scénarios de chaque milieu. La récupération de l'imaginaire, à l'aide des recours symboliques de l'ambiance culturelle de chaque individu, sert d'initiative de reprise de la foi en l'avenir, composant primaire de la dignité humaine,

Paulo Schiiler, Pédiatre et psychanalyste

pinturas das crianças de frechal

peintures des enfants de frechal



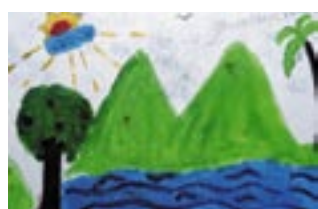
pinturas das crianças de port au prince

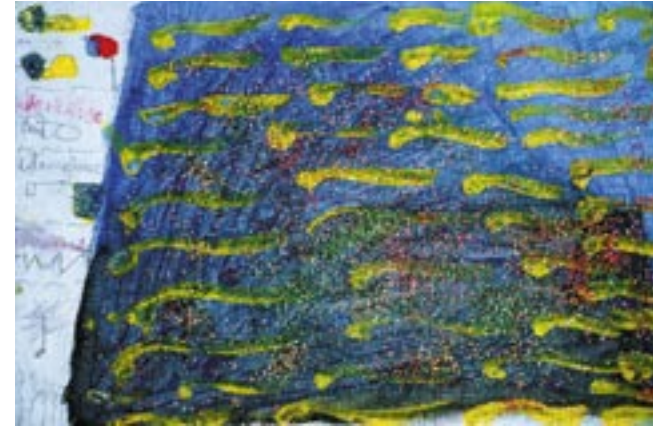
peintures des enfants de port-au-prince

FRECHAL - Anácia Ana Dalva Ana Look Aurivan Bruna Dayane Érica Erick Gislainy Inácio Joberth John Karina Kássia Kindara Kindê Leandro Leomarcos Luciano Luis Natácio Riarinne Sidney Taciane Thamlys Vanessa Walison
DESERTO - Adilson Campos Vieira Aldirrene Silva Velvo Ana Priscila Ribeiro Campos Andreia Silva Santos Beatrice Ferreira Ribeiro Bruna Cladenir Mafra Deuzenilde Pereira da Silva Edeilde Carvalho Ferreira Elissandra Campos Silva Erik Jevi Carvalho Géssica Manuela Santos Moreira Gleicivânia Gleydison Lopes Gleyiene Campos Jadilson Ferreira Rocha Josenilde Coelho Silva Josenilde Pereira da Silva Joycilene Campos Mafra Letícia Luciane Ribeiro Santos Lucivania Marenilde Trindade Silva Marilha Cunha Campos Maryluce Silva Myalle Baita Rodrigues Nelcilede Raina Fabianne Araújo Taiane Pereira Silva Thyara Ferreira Mondengo Vaneide Vieira Ferreira Vanuzia Vitor Augusto Ferreira dos Santos

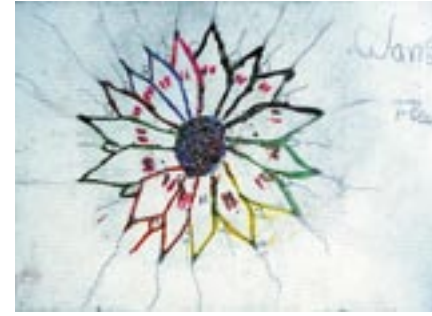
ÉCOLE ISIDORE BOISROND - Aderna Desvarieux Alexandra Borgella Alexandra Toussaint Anderson Charles Cadet Re Calixte Jean Bernard Florence Joseph Jean Gulle Lenes Jean Widner François Josiane Theodore Kensy François Ketia Francisque Lens Jean Sission Max Junior Barthelmy Michel Isamaelle Mireille Jules Mirlanda Joseph Nathalie Civil Saint-Aime Peterson Schylla Dawine Sheena Richard Steffi Kenya Maignant Vanessa Casseus Vanessa Narcisse Wanson Fleurantin Wenchise Toussaint
ÉCOLE DISCRÈTE AUMONE - Alci Jean Vitesse Alfred Islande Angeline Buteau Antoine Noulie Beatrice Joseph Cerve Ivens Charles Ester Elismè Junior Jerry Roland Joseph Wodan Joseph Schneider Julio Alexandre Noxmal Nona Oinaese Nona Osner Jean Baptiste Ralph Dougè Rolanda Vital Ronald Doctring Roseline Seragène Silta Isaac Stentia Celestin Stephania Charles Wisly Romanae











Por uma ponte viva entre o Haiti e o Brasil!

Graças à conjuntura geopolítica, eis que trocas culturais entre a República do Haiti e o Brasil se concretizam. O ano de 2005 inaugurou uma série de eventos, entre eles a visita do Ministro da Cultura do Brasil, o famoso Gilberto Gil, o que não é pouca coisa.

O que aproxima nossos dois povos?

A história: a antiga colônia francesa de São Domingos e o estado da Bahia têm em comum a economia de plantation e seu corolário, o negócio negreiro.

Além disso, o fato religioso, por suas diversas variantes populares, o culto de santos católicos associado ou integrado ao das divindades africanas, um panteão que apresenta um bom número de equivalências, objeto de estudos recentes, é o mais evidente.

Sobre a música, poderíamos nos estender longamente, de tão constante que é o espaço do Brasil na paisagem sonora haitiana, desde os anos 1950. É lamentável que o trabalho de uma pessoa como Géraid Merceron, crítico e compositor musical haitiano, morto há vinte anos, não sejam acessíveis ao grande público. Filho de diplomata, ele vivera no Brasil e, de volta ao país, totalmente repleto da cultura brasileira, tentara, por suas composições, fazer uma fusão original das duas tradições.

Mais recentemente, Sérgio Otanazetra, artista brasileiro que vive na França, levado pela simples curiosidade, passou uma temporada de quinze dias no Haiti.

Hoje, é pela força dos negócios macropolíticos que o Brasil, potência regional, multiplica os sinais de seu interesse pelo Haiti.

A temporada no Brasil do artista plástico e criador multimídia haitiano Maxence Denis, em novembro de 2005, por iniciativa da OSCIP Imagem da Vida, é a primeira do gênero.

De fato, na área de artes plásticas, afora as participações irregulares na Bienal de São Paulo (o escultor Patrick Vilaire, o artista Mário Benjamin e o pintor Edouard Duval-

Pour un pont vivant entre l’Haïti et le Brésil!

A la faveur d’une conjoncture géopolitique, voilà que dès échanges culturels entre la République d’Haïti et le Brésil se concrétisent. L’année 2005 a inauguré une série d’événements, dont la visite du ministre de la culture du Brésil, le célèbre Gilberto Gil, n’est pas des moindres.

Qu’est-ce qui rapproche nos deux peuples?

L’histoire – L’ancienne colonie française de Saint-Domingue et la province de Bahia ont en commun l’économie de plantation, et, son corollaire, le trafic négrier.

Le fait religieux, par ses diverses variantes populaires, le culte des saints catholiques associé ou intégré à celui des divinités africaines, un panthéon qui présente bon nombre d’équivalences. Objets d’études récentes, par ailleurs, est le plus évident.

Sur la musique, on pourrait s’étendre longuement, tant la place du Brésil dans le paysage sonore haïtien est une constante, depuis les années cinquante. Il est regrettable que les travaux d’un Géraid Merceron, critique et compositeur musical haïtien, disparu il y a une vingtaine d’années, ne soient pas accessibles au grand public. Ris de diplomate, il avait vécu au Brésil et, revenu au pays, tout pétri de culture brésilienne, avait tenté par ses compositions une fusion originale des deux traditions,

Plus récemment, Sérgio Otanazetra, artiste brésilien, vivant en France, poussé par la simple curiosité, a séjourné en Haïti pendant une quinzaine de jours.

Aujourd’hui. c’est par la force des enjeux macropolitiques que le Brésil, puissance régionale, multiplie les signaux de son intérêt pour l’Haïti.

Le séjour du plasticien, créateur multimédia haïtien, Maxence Denis, au Brésil, en novembre 2005, à l’initiative de la OSCIP Image de la Vie est une première du genre.

En effet. dans le domaine des arts plastiques, en dehors d’irrégulières participations à la Biennale de São Paulo (le sculpteur Patrick Vilaire. l’installateur Mario Benjamin, le peintre Edouard Duval-Carrié) et de quelques initiatives. qui

Carrié) e algumas iniciativas limitadas à arte naïf haitiana, foi a primeira verdadeira ocasião, oferecida a um artista contemporâneo do Haiti, de explorar e aprofundar o universo brasileiro.

Maxence, que se interessa pelos fenômenos urbanos contemporâneos – sejam eles as raras de Berlim ou da França, ou as instalações espontâneas praticadas pelo comércio informal do Haiti ou do Senegal –, representa a nova geração de artistas plásticos haitianos.

Pelo seu domínio das novas tecnologias, formado pelo audiovisual e pelo meio profissional da televisão francesa, Maxence, que participou da última Bienal de Veneza com uma escultura animada por meios digitais, intitulada “Kwa Bawon”, é o criador haitiano mais equipado para estabelecer a conexão entre esse país-continente, o Brasil, e essa meia-ilha do Caribe, de história complexa e movimentada, pelos meios de expressão atuais: a instalação, o vídeo, a criação digital e os gêneros mais tradicionais da fotografia e da escultura.

E desejável que existam iniciativas mais amplas que estabeleçam o papel de ponte entre o mundo caribenho, o Haiti no caso, e o Brasil.

Barbara Prézeau Stephenson, Presidente da Fundação AfricAmérica, responsável pelo Caribe e América Latina e Vice-presidente AICA I Sul do Caribe

se limitent à l’art naïf haïtien, c’est à toute première occasion, fournie à un artiste contemporain d’Haïti, d’explorer et d’approfondir l’univers brésilien.

Maxence, qui s’intéresse aux phénomènes urbains contemporains, qu’il s’agisse des rave à Berlin ou en France, des installations spontanées pratiquées par le commerce informel d’Haïti ou du Sénégal, représente la nouvelle génération de plasticiens haïtiens.

Par sa maîtrise des nouvelles technologies, formé à l’audio-visuel et au milieu professionnel de la télévision française, Maxence, qui a participé à la dernière Biennale de Venise avec une sculpture animée par des moyens numériques, intitulée “Kwa Bawon”, est le créateur haïtien le mieux outillé pour établir la jonction entre ce pays-continent, le Brésil, et cette demi-île de la Caraïbe à l’histoire complexe et mouvementée entre les modes d’expression du jour ; l’installation. le vidéo, la création numérique et les genres plus traditionnels de la photographie et de la sculpture.

Il est souhaitable que de plus amples initiatives, établissent le rôle de pont entre le monde Caraïbe, Haïti en l’occurrence, et le Brésil.

Barbara Prézeau Stephenson, Presidente de la Fondation AfricAmérica, responsable Caraïbes et Amérique Latine et Vice-présidente AICA I Caraïbes du Sud

Agradecimentos

Ao expressarmos nossos agradecimentos, lembramos de muitas pessoas que nos ajudaram a concretizar nosso trabalho. Mas não podemos deixar de mencionar o nome de algumas cujo apoio foi indispensável para que realizássemos este projeto.

Assim, o nosso primeiro pensamento vai para as crianças, diretores e professores da Escola Discreto Aumone no bairro de Bei Air, e da Escola Isidore Boisrond, em Porto Príncipe; alunos e professores das Escolas das Comunidades do Quilombo Frechai e do Deserto, no Maranhão; Embaixador Paulo Cordeiro, Ministro Arnaldo D'Oliveira, Conselheira Isabel Azevedo, Jacques Bartoli, Bárbara Prezeau, Yves Blot, Lyonel Trouillot, Jean Lherisson, Rooswelt Eduard, Professora Adeline Jean Louis, Lauréus Yardy, Richard Morse, os músicos Thomas, Daniel e Mono; Capitão Leônidas, Ministra Matilde Ribeiro, Ministro Paulo César Meira Vasconcellos, Conselheiro José Mário Ferreira Filho, Magali Naves, Marcelo Fiorini, Milton Guran, Carlos Goldgrub, Jociene da Silva Gomes, Dona Jovina da Silva Gomes, Jonailson da Silva Gomes, Francisco Gomes, Ivo Fonseca da Silva, Denise Paiva, Christian Knepper, Aline Magna, Cleber Trindade, Selvino Heck, Rosa Miriam Ribeiro, Ricardo Teles, Charles, nosso motorista em Porto Príncipe, entre tantas outras pessoas que nos apoiaram e nos receberam em todos os lugares por onde passamos.

A realização deste projeto também só foi possível porque contamos com o apoio de diversas entidades, entre elas Ministério da Cultura do Haiti; Ministério da Educação do Haiti; Ministério das Relações Exteriores do Haiti; Museu do Panteão Nacional do Haiti; Bureau Nacional de Ethnologie do Haiti; Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Embaixada do Brasil em Porto Príncipe; Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão; Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, em especial o General Urano da Matta Bacellar (in memoriam), além dos oficiais e soldados brasileiros que nos apoiaram para a realização do trabalho no bairro de Bei Air.

Remerciements

Au moment d'adresser nos remerciements, nous nous rappelons beaucoup de personnes auxquelles nous devons beaucoup pour la concrétisation de notre projet. Toutefois, nous ne pouvons passer sous silence le nom de certains dont le concours a été indispensable pour la réalisation de ce projet.

Ainsi, notre première pensée va aux enfants, directeurs et professeurs de l'école Discreète Aumone du quartier de Bei Air et de l'École Isidore Boisrond, à Port-au-Prince: aux élèves et professeurs des écoles des communautés du quilombo Frechai et de Deserto au Maranhão. Ambassadeur Paulo Cordeiro. Ministre Arnaldo D'Oliveira, Conseiller Isabel Azevedo, Jacques Bartoli, Bárbara Prezeau, Yves Blot, Lyonel Trouillot, Jean Lherisson. Rooswelt Eduard, Adeline Jean Louis, Lauréus Yardy, Richard Morse, les musiciens Thomas, Daniel et Mono; Capitão Leônidas, Ministre Matilde Ribeiro, Ministre Paulo César Meira Vasconcellos, Conseiller José Mano Ferreira Filho, Magali Naves. Marcelo Fiorini, Milton Guran, Carlos Goldgrub, Jociene da Silva Gomes, Dona Jovina da Silva Gomes, Jonailson da Silva Gomes, Francisco Gomes, Ivo Fonseca da Silva, Denise Paiva, Christian Knepper, Aline Magna. Cleber Trindade. Selvino Heck, Rosa Miriam Ribeiro, Ricardo Teles. Charles, notre chauffeur à Port-au-Prince, parmi tant d'autres personnes qui nous ont appuyés et nous ont reçus partout où nous avons été.

La réalisation de ce projet se doit également grâce au soutien de plusieurs institutions, comme le Ministère de la Culture d'Haïti. Le Ministère de l'Éducation d'Haïti; le Musée du Panthéon National d'Haïti; le Bureau National d'Ethnologie; le Ministère des Relations Extérieures d'Haïti; le département Culturel du Ministère des Relations Extérieures du Brésil; l'Ambassade du Brésil à Port-au-Prince; le Secrétariat Spécial des Politiques de Promotion de l'Égalité Raciale; l'Association des Communautés Noires Rurales des Quilombos du Maranhão, la Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti, spécialement le Général Urano da Matta Bacellar (in memoriam), ainsi que les officiers et soldats brésiliens qui nous ont prêté leur concours pour la réalisation des activités dans le quartier de Bel Air.



Pág. 55

¹ Filhos da miséria, romance de Marie Thérèse Colimon

² Capitães de areia, romance de Jorge Amado

³ Governadores do orvalho, romance de Jacques Roumain

⁴ Cidade de Deus, romance de Paulo Lins

Page 23

¹ Le principe du vaudou est l'adoration de lwas (ou loa, c'est phonétique) qui sont des divinités immortelles.

Les vèvés sont ces dessins si bizarres que les vaudous dessinent à la craie un peu partout. Chaque lwa a un vèvé particulier, un peu comme un drapeau ou un blason qui lui serait dédié.

² Vèvé: dessin tracé à même le sol, à base de farine de maïs, représentant le symbole de l'esprit que l'on veut invoquer.

Page 30

¹ Communauté d'esclaves fugitifs

² Habitant d'un quilombo

Page 55

¹ Fils de misère, roman de Marie Thérèse Colimon

² Capitaines des sables, roman de Jorge Amado

³ Gouverneurs de la rosée, roman de Jacques Roumain

⁴ Cité de Dieu, roman de Paulo Lins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasil-Haiti : olhares cruzados = Brasil-Haiti : regards croisés /
[coordenação editorial/coordination editoriale Dirce Carrion;
versão para o francês/traduction en français Caroline Fretin
de Freitas]. -- São Paulo : Reflexo Texto e Foto, 2006.

Vários fotógrafos.
Edição bilingüe: português/francês.
ISBN: 85-88120-05-4

1. Brasil – Relações culturais – Haiti 2. Crianças – Fotografias
3. Haiti – Relações culturais – Brasil I. Carrion, Dirce. II. Título: Brasil-
Haiti : regards croisés

06-1632 CDD-303.4828107294
-303.4827294081

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil-África : Relações culturais :
Sociologia 303.4828106



Impresso no Brasil, verão de 2006



O Haiti é logo ali do outro lado da estrada Crianças do Frechal

L'Haïti c'est juste là, de l'autre côté de la route Enfants de Frechal



Secretaria Especial de
Políticas de Promoção
da Igualdade Racial

